

Ecclesia



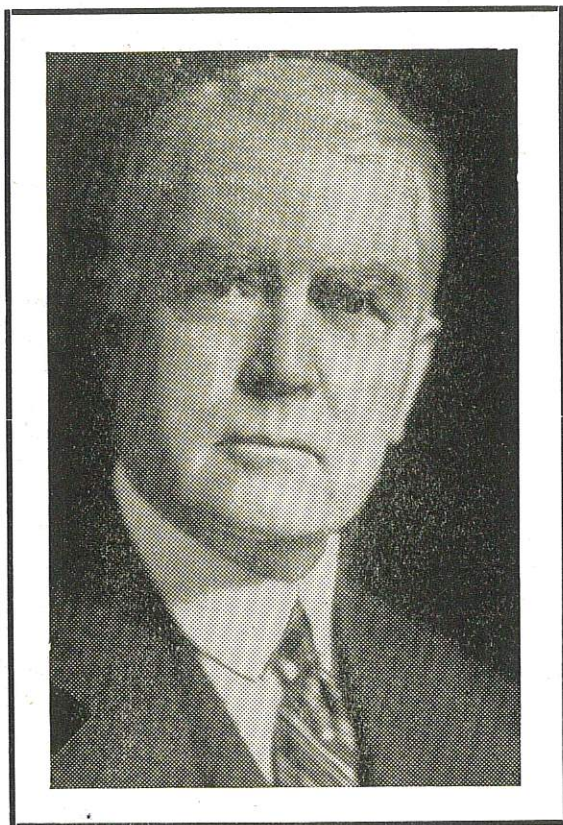
Abril de 1955

Ano 7.º

N.º 32

HOMENAGEM DE

“ECCLESTIA” AO



Dr. João R. Mott

PRÉMIO NOBEL DA PAZ EM 1946

(1865 - 1955)

CRISTÃO FIEL E ÍNTEGRO
PRESIDENTE HONORÁRIO DO CONSELHO MUNDIAL
DAS IGREJAS CRISTÃS
O NORTE-AMERICANO QUE REJEITOU UMA EMBAIXADA DO SEU
PAÍS NA CHINA, PARA SER EMBAIXADOR DE CRISTO NO MUNDO.
GRANDE MENTOR DOS ESTUDANTES CRISTÃOS
QUE SONHOU COM A "EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO
NESTA GERAÇÃO".

A SUA VISITA A PORTUGAL, EM 1909, FOI UMA JORNADA INESQUECÍVEL.

(Cliché cedido gentilmente pelo "Primeiro de Janeiro"
ao "Portugal Evangélico" e por este à nossa revista).

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Fevereiro, Abril, Junho, Agosto, Outubro e Dezembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Rua das Janelas Verdes, 32-LISBOA - Telef. 66 4729

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Rua 14 de Outubro, 342-VILA NOVA DE GAIA--Telef. 710995

Nós, os "covardes"

ALGUÉM que nos é querido e que, como tantos e tantos outros, sofre a influência das ideias que por aí correm, (e correm com extrema facilidade justamente porque são leves, superficiais, pouco ponderadas) aventurou há tempos, numa conversação íntima conosco, uma curta frase que nos desvendou o seu sentimento acerca dum dos conceitos fundamentais do cristianismo prático.

A referência era feita ao conselho de Jesus Cristo, de oferecermos a outra face a quem nos bate numa. Na tal curta frase se ensinava que havia aí uma atitude de covardia, que se não compadece com a virilidade de que todos nos jactamos, com maior ou menor direito.

Nós, cristãos, propugnamos um cristianismo viril, ainda que não irritante nem irritável, imitando a dignidade que houve em Jesus diante de Pilatos e em colóquio com o mestre Nicodemos, ou na observação ao bruto quadrilheiro que o esbofeteou — estando Ele algemado—. Ou como a dignidade de

Pedro e de João, depois da tragédia, perante o Sinédrio em Jerusalém; ou ainda a de Paulo ao falar a Félix, a Festo, a Agripa, ao Sumo Sacerdote quando mandou que o esbofeteassem.

Isto de bofetadas, tem muito que se lhe diga. Dão-se todos os dias, sem mão ou com mão, nos lares, nos bares, nos parlamentos e comícios, nos estádios e nos estúdios, nas salas, nas praças e até nos templos. E de quantas formas se reage! Nem sempre são mãos masculinas (agora tratadas

por manicuros), nem sempre são línguas aseadas, de frase máscula mas contida em normas de decência.

Nós, os "covardes"... temos, através dos séculos, que já somam milénios, oferecido a outra face, quer se trate do jovem Pancrácio ou do ancião Policarpo, mártires da sua gloriosa fé. E não fugimos. Entretanto, os "valentes", marroquinos e tunisinos, eslavos e mongóis, sul-americanos ou indus, sejam quais forem, matam e... fogem. Isto, todos os dias. Os **Valentes!** Propagam os seus ideais **humanitários**

SUMÁRIO DO N.º 32

Nós, os "covardes"	1
Reminiscências e perspectivas	2
Sermão de cinco minutos, Rev. A. F. Arbiol	3
Dias melhores, virão — Rev. Armando Araújo	4
Projecto de Cânones, Dr. Daniel de Pina Cabral	6
A "Voz do Pastor" e as suas diatribes	8
Página musical, Dr. Leopoldo de Figueiredo	10
Diálogo sobre a pena de morte	12
Lusogramas	13
Síntese: Mateus Parker e a Sucessão Apostólica	15

atentando contra a vida humana. Querem impor uma ordem nova por meio da velha desordem, vinda desde Caim — o que também fugiu.

Os valentes!

Que ideais são esses de felicidade, que tornam infelizes a tantos? Que virilidade cora-

josa é essa que dá tanto que fazer aos mantenedores da polícia, isto é, da ordem civilizada, sem a qual tudo é confusão e rancor à solta?

Nós, os "covardes" queremos imitar Aquele que não fugiu, e morreu; não, os sicários que matam e fogem.

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

ADMIRÁVEL tem sido a campanha para a alfabetização do nosso povo, dirigida pelo Sr. Dr. Veiga de Macedo, subsecretário da

Educação, a quem o Governo facultou sabiamente elementos substanciais para isso e que tem sabido criar ambiente para tornar eficaz a sua actividade. O célebre axioma de Laveleye, que uma religião firmada no Livro e não meramente no cerimonial é verdadeiro elemento de progresso, está hoje um tanto ultrapassada por uma nova escola de pensamento católico-romano, apelando não exclusivamente para a vida emocional da multidão mas oferecendo algum pasto às inteligências. Já no nosso país há uma literatura excelente nesse sentido. Curioso é que esse movimento é acompanhado por um protestantismo equilibrado que começa a reconhecer o valor do apelo emocional, não pelo **dirigismo** do apelo de ocasião, em "revivals" preparados mais ou menos artificialmente, mas no regresso à liturgia tradicional da Igreja, onde a Palavra tem seu nobre e santo lugar, para meditação com adoração. Mas voltando à actual campanha oficial de alfabetização: uma segunda campanha seria extremamente eficaz e está-se tornando imperiosamente necessária: a da difusão profusa dum manual de civilidade e cavalheirismo. Basta ler os jornais de cada dia para reconhecer essa necessidade.



O dr. Ricardo Espírito Santo, um banqueiro católico romano, talvez, quem sabe? de origem "sefardim", foi na nossa terra um excepcional Mecenaz. Ainda que não único, graças a Deus. Há exemplos admiráveis de liberalidade nos arraiais romanos. Ao protestantismo tem-se assacado um

espírito sovinaamente burguês, o que nem sempre é justo. Na França, por exemplo, antes da primeira Grande Guerra, a par da

assistência judaica em que brilhava o judeu Citroën, registava-se a notável assistência protestante de Renault. Curioso serem duas fábricas de automóveis. E a obra assistencial da Igreja Reformada Nacional, subvencionada aliás pelo Estado, desde Napoleão, como o eram romanos e judeus, era digna de alta menção. Hoje temos o exemplo admirável de Alberto Schweitzer, o qual não dá, simplesmente: **deu-se**. É um protestante, por sinal mal considerado por alguns fariseus, com a "gentileza" que caracteriza o sectarismo de qualquer sector. Nós, como católicos que somos, incluímo-lo, ao lado de fariseus e de saduceus, no nosso amor; e a ele, particularmente, na nossa admiração.



Entre gente culta começa a desenvolver-se um acentuado desdém pelo que se chama, à inglesa, "digest", e que é em muito bom português, digesto: literatura periódica que tem por tipo inicial e principal uma conhecida revista norte-americana, mas que vai proliferando pelo mundo em "selecções" — femininas, católicas, desportivas, românticas, etc. Haverá razão para esse desdém, mesmo descontando os que por pedantismo o exibem? É evidente que quem restrinja as suas leituras a uma dessas revistas obtém uma certa facilidade de conversação, mas se não tiver personalidade não a cria. É de menos para isso. Por outro lado, quem se absorver nos clássicos castiga a sua prosa mas vive fora do seu mundo. E quem só se enfonhar numa técnica mais fora ainda vive dele. E então quem, como há tantos, só ler romances

policiais fica mais esperto que inteligente, mais astucioso do que sabedor. Viverá no seu meio, mas não ajuda o seu meio; não concorre para o melhorar. O ideal parece estar em repartir-se pela leitura das obras primas, numa revista da sua profissão ou tendência, e também, porque não? dum desses "digestos", filhos da sociedade recente, tão confusa e prolífica, que represente a escolha de muitos leitores, de muitos livros e revistas, que nunca teríamos vida bastante para ler. E o cristão não esquecerá as obras primas da sua fé, e a revista da sua "profissão" cristã. Ora aquilo que merece, senão uma reprovação total, pelo menos muito cuidado contra abusos, são as edições abreviadas dos autores célebres, mutilações que desviam por vezes o leitor do verdadeiro conhecimento das obras primas do génio humano. Assunto de grande vastidão é este, que deve interessar a todos, pois bom seria que a imprensa cristã se dedicasse a auxiliar pelo conselho os leitores, como os espectadores e auditores de música e de preleções. A vida moderna exige muita escolha e alguma abreviação.

NO ÁTRIO

Sai este número, infelizmente, já passada a Semana Santa, a quadra mais solene do actual bimestre. Teremos agora depois do 25 de Abril, o dia de S. Marcos Evangelista, o 1 de Maio, dia de S. Filipe e Sant'Iago, Apóstolos.

Quinta-feira de Ascensão cai neste ano em 19 de Maio e Domingo de Pentecostes em 29.

O nosso futuro número sairá, se Deus permitir, nas vésperas do Domingo da Santíssima Trindade, a 5 de Junho.

Os escoteiros festejam em 23 de Abril o seu Santo Patrono, S. Jorge, e a 1 ou 8 de Maio celebra-se em quase todo o mundo ocidental o "Dia das Mães".

10 de Junho é o "dia de Camões". aniversário da sua morte, escolhido para celebrar a "Raça".

NA NAVE

Sermão de Cinco Minutos

Pelo Rev. A. F. Arbiol

"Deixou pois a mulher e o seu cântaro e foi à cidade".

S. João 4 : 28

A paz de Deus seja convôscos.

Nos arrabaldes da pequena cidade de Sicar, na província de Samaria, havia um pôço que Jacob tinha dado a seu filho José, por cujo motivo se chamava o "pôço de Jacob". A pureza e limpidês da sua água compensava bem o trabalho dos habitantes da cidade ao irem lá buscá-la. Um dia, à hora sexta, que corresponde ao meio dia, quando o sol é mais quente, abrasador, uma mulher dirige-se para lá para encher o seu cântaro. Nosso Senhor Jesus Cristo estava sentado à beira do pôço. A fadiga da jornada, desenhada no rosto, não apagava a sua beleza nem o ar natural da sua bondade e ternura. Dirigindo-se então à mulher, diz-lhe: "Dá-me de beber". Pela voz e maneira de vestir, a mulher reconhece que é um judeu o varão que assim lhe fala, o que muito a surpreende, dada a incompatibilidade entre os samaritanos e os judeus. A Bíblia diz que Jesus precisava de passar por Samaria. O texto bíblico, dando ênfase a esse facto, parece demonstrar que se tratava duma necessidade absoluta. E na verdade era assim mesmo. Jesus precisava de passar por Samaria para levar à alma daquela mulher a paz que tanto almejava, para lhe saciar a sede da verdade que a atormentava e para a desviar do caminho tortuoso em que seguia. Jesus precisava, outrossim, de passar por Samaria para mostrar aos samaritanos a maneira como deve ser adorado o verdadeiro Deus; e também que os homens devem, mesmo que as raças sejam diferentes, amar os seus inimigos. Jesus precisava, enfim, de passar por Samaria para levar aos seus habitantes a luz rutilante da verdade divina. Tudo quanto Jesus fez, precisava de ser feito. As palavras que proferiu, os silêncios que guardou, os passos que deu, as lições que ensinou, as parábolas que contou e os milagres que operou, faziam parte

do seu plano de redenção de humanidade. Às vezes aproveita-se um pequeno serviço de alguém para se lhe prestar um auxílio muito maior, sem humilhação. Esta é uma perfeita característica da caridade. A vontade de Jesus consolar e ajudar esta mulher, era maior do que o cansaço e a sede. O seu pedido foi, portanto, um pretexto para lhe falar da água da vida que sacia para sempre quem dela beber. Pediu, pois, para dar. O rio de Deus está cheio de água (Salmo 65-9) que chega para consolar todos os corações ressequidos e queimados pelas paixões acerbadas deste mundo. A mulher ficou confortada com as palavras de Jesus. Dir-se-ia que a sua alma sentia já a frescura balsâmica da água que Jesus lhe ofereceu. Jesus, apesar de saber que a vida dela não tinha sido um modelo de virtudes, tratou-a com brandura e manifestou interesse pela sua felicidade espiritual, atitudes estas que poucas pessoas, ou nenhuma, tinham tomado antes. Na sua vida havia superstição e erro; e, como a superstição gera a confusão e a confusão a incerteza, e a incerteza o medo, esta mulher aceita as palavras de Cristo, as quais produziram na sua alma um efeito de confiança tal que a leva a olhar o futuro sem receio, pois vê claro no novo horizonte da sua vida. Tão feliz se sente que não quer gozar essa felicidade sòzinha. Então deixa o cântaro, e vai à cidade chamar os seus vizinhos e amigos. O cântaro é o símbolo do trabalho. Por um momento ela esquece essa bênção para gozar a bênção maior da salvação. Quantos crentes há que, agarrados às suas tarefas, se esquecem de Jesus. Uma pouca de água no cântaro não os deixa ver a abundância que brota da fonte divina. Não são capazes de deixar, por um pouco de tempo, o conforto do lar e os interesses domésticos para gozar a deliciosa comunhão fraternal na Casa de Deus. A acção desta mulher foi um belo exemplo missionário. Quantas pessoas acharam a felicidade espiritual em Jesus Cristo, mediante o convite insistente e entusiasta desta mulher! Os servos de Deus que mais almas têm levado a Jesus pertencem ao número dos que, antes de abraçarem o Evangelho, o desconheciam, e dos que o combatiam ou blasfemavam. A salvação é um dom sublime e glorioso demais para ser pessoal. A alegria e felicidade de quem o possui aumenta com o esforço que fizer no sentido de transmitir aos outros.

Dias melhores, virão

A radio-difusão como o cinema trouxeram ao mundo uma nova era de descobertas, não do suposto ignoto, à espera de heróis ou aventureiros, mas, do desconhecido pelas distâncias.

Hoje, os receptores do som e a fotografia, devassam montes e vales e a profundidade dos mares, reproduzindo o som e a côr das maravilhas, recolhidas pela indústria e o comércio que as explora como verbas a esquadrar na economia doméstica, para que se ouça o que nunca se ouviria, vendo-se o que nunca se veria.

Não há dúvida. As duas artes para ouvir e vêr, vieram facilitar o cultivo dos dois sentidos; contudo, como o uso e abuso se tornam deturpante a excelsa finalidade dessas artes de reprodução e proximidade, depressa foi levada para a extravagância da fantasia e da podridão humana.

Nesta sentida observação, a singularidade não nos pertence. Já muito se deplora que o natural e o belo, sejam mesclados com o artifício e o hediondo, motivando a repressão legislativa, embora com malhas lassas ou afuniladas.

Deste modo, para aqueles que amam o sossêgo e pureza da sua mente, bem assim a boa retina da sua alma, há como recurso ouvir só o que se quer, vendo só o que convenha.

Não é lá muito fácil observar esta atitude, ouvindo-se e vendo-se o que se quer, por mais cautela que se tenha, pois, facilmente se cai numa armadilha. Isto, já nos tem acontecido, pois gostamos de musica e, apraz-nos escutar conferências, palestras e noticiários, como admi-

ramos os documentários da fauna e da flora, a par da vida pictural dos povos, porém, porque os programas resvalam para a miscelânea heterogenia dos gostos, temos ouvido e visto — do mal o menos — o que apenas nos serve para estudo psicológico dos homens e dos factos.

Como exemplo: estando a ouvir com relativo agrado uma palestra sobre o romantismo de Garrett — o autor, da força de tantos outros, não interessa — radio-difundi da trincheira onde não nos é dado defender ideias, falando de Garrett no exílio e da poesia que ali escrevera sobre o Natal, aproveitou a deixa, para exaltar a alegria poética do Natal português em relação ao frio Natal de Londres, frieza devida à «casmurice protestante».

Sem abdicar do nosso ancestral portu-guesismo, temos de lamentar a forma pejorativa como o palestrador falou, enfatuaado, num Natal idolatra e de guloseimas, em comparação com um Natal concentrado no aconchego do Lar, com o conhecimento espiritual que vai de Betelem ao Calvário e, deste, da Ressurreição à Ascensão de Jesus e, não de um prosaico presépio, onde há um loirito menino, o qual, por ser de pau, se guarda numa gaveta ou caixote, para servir de ano para ano.

Verdade seja, nas mensagens natalícias, suas rev.^{mas} o Pontífice Romano e o Patriarca de Lisboa, usando a linguagem da «casmurice protestante», falaram de Jesus como único Salvador. No entretanto, tendo estudado hermeneutica, sabendo que Nosso Senhor apenas diz: — «**Vinde a Mim todos**, não, ide a minha mãe que rogue por vós», arvoram e batem-se para que a Virgem agraciada por Deus, seja considerada co-redentora com seu Filho!

Outro exemplo: um locutor, da sua privativa trincheira, esclareceu: — «Os protestantes acusam-nos de idólatras. Nós não temos ídolos. Temos imagens de santos. O **Decálogo** foi dado aos judeus, não aos cristãos».

Muito bem.

Deus, na sua Omnisciência, sabia não haver ídolos no céu, mas salvos — os santos — pelo que legislou: — **Não farás para ti imagem de escultura nem figura alguma de tudo que há em cima no céu e, do que há em baixo na terra, nem de cousa que haja nas águas debaixo da terra**; logo, o locutor atirou por cima da barra, não chegando sequer, a razar a trave, visto a legislatura divina abranger **imagens**, as quais, os protestantes, nem casuisticamente veneram, como muito menos põem de malho, como o ano findo fizeram, metendo no fundo da baía de S. Fructuoso, no promontório de Porto Fino, ao sul de Génova, o «Cristo das profundezas ou dos abismos,» em bronze, com o peso de oitenta toneladas, dois metros e meio de altura e, abençoado por um prelado. Como este não bastasse, depois de uma alocução do arcebispo argelino, foi colocada ao largo da costa de Argel, a dez metros de profundidade uma **imagem** da Virgem Maria, pesando duzentos quilos e medindo um metro e vinte de altura.

Esta inovação, a acrescentar a tantas outras, leva-nos a considerar santo António de Pádua mais humano e não menos prudente, chamando para a tóna da água os peixinhos para lhes prègar.

Para rematar, poderíamos procurar no Vocabulário um têrmo pejorativo para classificar os nossos opositores. Nem sequer

PROJECTO DE REFORMA CANÓNICA

DA AUTORIA DO
REV. DR. DANIEL DE PINA CABRAL

CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA LUSITANA

SECÇÃO III

DOS ÓRGÃOS REGIONAIS

XXIX

Do Arcipreste

1 — O Arcipreste é um presbítero que, na qualidade de vigário do Bispo, exerce jurisdição ordinária em uma Região.

2 — Dentro da sua Região, o Arcipreste é o mais categorizado Ministro, abaixo do Bispo ou do seu enviado especial, donde lhe resultam as mais graves responsabilidades de fiel pastor de um maior rebanho.

3 — O Arcipreste é nomeado pelo Bispo, que procurará agradar à vontade do Capítulo da Região a que se destina, mas que, acima de todas as razões, terá em mente os altos deveres espirituais inerentes ao cargo.

Das Funções do Arcipreste

XXX

1 — Ao Arcipreste cumpre, dum modo geral, zelar pela Religião no seu distrito, e, particularmente:

a) Dirigir o seu clero, aconselhando-o, admoestando-o, disciplinando-o, como se fosse irmão mais velho, e promovendo a elevação do nível cultural e devocional do

mesmo, para o que organizará conferências anuais de estudo.

b) Fiscalizar a pregação da Palavra de Deus e administração dos Santos Sacramentos;

c) Esforçar-se por manter em alto padrão a pureza litúrgica, fazendo cumprir os cânones, tudo dentro do amor cristão, e do respeito devido à liberdade individual;

d) Velar pela preparação moral, intelectual e física dos que se destinam a receber Ordens Sacras, e também dos que pretendem exercer qualquer ministério leigo na Igreja;

e) Apresentar ao Bispo as pessoas referidas na alínea anterior para serem ordenadas ou comissionadas;

f) Induzir o presbítero que foi devidamente instituído Reitor de uma Paróquia;

g) Visitar, anualmente, todas as Igrejas, suas dependências, escolas ou colégios do seu distrito, dando instruções para emenda de todos os defeitos que ache, assim como assistir e acompanhar o Bispo nas visitas que este faça, mostrando-lhe tudo o que precise correção;

h) Fiscalizar as finanças de cada paróquia;

i) Enviar ao Bispo um relatório anual das actividades da sua Região, e ao Sínodo, relatórios e estatísticas minuciosas referentes ao número de catecúmenos, comungantes, Ministros Leigos, Ministros com Ordens Sacras, escolas, colégios, Ligas, comunidades, cultos divinos, administração dos Santos Sacramentos, e tudo o mais que o Bispo lhe requeira, ou ele ache oportuno.

2 — Para o exercício das actividades referidas no parágrafo anterior, pode o Arcipreste requerer o auxílio de qualquer Ministro da sua Região, o qual, salvo por atendíveis razões, nunca o deverá recusar ou dificultar.

XXXI

Do Capitulo Regional

1 — Capitulo Regional é a reunião de toda a clerezia de um Distrito, sob a presidência do Arcipreste, ou do clérigo mais idoso, se aquele faltar.

XXXII

Da Convocação e Atribuições do Capitulo Regional

1 — A convocação do Capitulo Regional, ordinariamente, compete ao Arcipreste; mas também pode ser feita pelo Bispo ou por metade dos seus membros, desde que, no acto convocatório, se especifique o assunto a tratar.

2 — Haverá, necessariamente, dois Capítulos anuais; um dentro da oitava do Pentecostes; outro, em dia de feriado nacional.

3 — No Capitulo do Pentecostes, além de mais;

a) Discutir-se-ão assuntos respeitantes à actividade missionária, dentro da Região; ao bom Governo das Paróquias; à cura das almas; aos actos litúrgicos; e ao mais que parecer conducente ao bem comum da Igreja, de modo que se alcance, sem violar a legitima, liberdade individual, uma salutar unidade de práticas, disciplina e métodos, e haja um permanente avanço do Reino de Cristo;

b) Verificar-se-ão os títulos dos que pretendem ingressar no clero e dos que se oferecem para o ministério leigo;

c) Aprovar-se-ão os relatórios referidos na alínea i) do parágrafo 1 do Canon XXX;

d) Assentar-se-á nas propostas a fazer ao Sínodo.

4 — O segundo Capitulo referido no parágrafo segundo deste cânone, terá, tanto quanto possível, o carácter de um retiro espiritual, e para ele podem ser convidados os ministros leigos que o Arcipreste entender, havendo:—

a) Oração da Manhã, Celebração da Ceia do Senhor, Oração da Tarde e Ladaínha;

c) Uma série de palestras, visando despertar no Clero e nos ministros leigos a consciência das suas altas missões;

b) Discussões referentes a actividades pastorais.

XXXIII

Do Livro de Actas do Capitulo Regional

1 — O Capitulo Regional possuirá um livro de actas onde se registarão, além do mais, as decisões tomadas, ficando o registo a cargo do secretário do Capitulo, que, com o Arcipreste, o deverá assinar.

XXXIV

Das Deliberações Capitulares de Carácter Geral e do Livro de Registo das Mesmas

1 — As deliberações de carácter geral, em que o Capitulo Regional assente, devem ser apresentadas ao Bispo, para este as homologar.

2 — Logo que o Bispo homologue as deliberações mencionadas no parágrafo anterior, serão elas transcritas para o Livro de Registo das Deliberações Capitulares, e publicadas em todas as Igrejas da Região, a menos que o Bispo entenda preferível conservá-las secretas.

A "VOZ DO PASTOR"

E AS SUAS DIATRIBES

PRINCIPIAREMOS por uma afirmação genérica, mas necessária.

Acusam-nos os protestantes radicais de lançarmos uma "ponte" aos nossos compatriotas católicos-romanos. Acusam-nos os católicos-romanos irrequietos de procurarmos roubar Portugal ao catolicismo, por meio de imitações que se prestam a confusões. Estamos assim entre uma "Scila" protestante e uma "Carybedes" romana. Isto é: "entre a cruz e a caldeirinha"; ou, como o grande Albuquerque, "mal com rei por causa dos homens, e mal com os homens por causa do rei"...

Mas iremos à frente, amando uns e outros e rogando diariamente a Deus que reforme os abusos e una as fendas da Sua Igreja, a **Una Sancta**, Católica e Apostólica, que nosso Senhor e Salvador fundou.

Vamos agora ao assunto particular que a irrequietude dum intolerante nos comete.

Se nós quiséssemos responder às diatribes de "A Voz do Pastor" de 26 de Fevereiro passado, no mesmo estilo que aí se usa, teríamos de principiar por dizer: "Anda por aí qualquer coisa com o título de Visconde de Santo André..." Mas não, nunca! O apóstolo nos diz que o próprio arcanjo Miguel, enfrentando Satán, não se atreveu a injuriá-lo, e só disse: "Repreenda-te o Senhor!"

É, pois, sem esse olímpico desprezo de quem se sente senhor da força material, pela protecção do Estado, e da força moral, pela geral superstição da grande massa, que aqui responderemos.

Pedimos a Deus que nos inspire a humildade sã, reconhecadora da fraqueza própria e da igual fraqueza alheia, para responder; e fazêmo-lo porque cremos na Omnipotência de Deus, que pode reformar a fé do Visconde articulista, do director da "Voz do Pastor", do bispo da sua diocese, de todo o episcopado da província portuguesa da Igreja estrangeira de Roma, e do próprio Romano Pontífice, ancião muito culto e cortês a quem devemos respeito.

Só um protestante exaltado, "político da fé", atrabiliário ou rancoroso, votará ao inferno o Papa e todo o seu rebanho, de ovelhas sãs ou tinhas.

Nós, não!

Acusa-nos o Visconde, na resposta que dá a um consulente, de ser a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica uma seita herética. É gratuita a acusação. "Hereje" é o que escolhe doutrina, para fora do consenso. "Seita" é corte no corpo da Igreja. Ora a Igreja Lusitana afirma que a proclamação da supremacia do **papa** de Roma sobre os **papas** de Cartago, Alexandria ou Constantinopla, foi um acto de escolha interpretativa, contra o consenso primitivo, e levou séculos a "levedar". A lição da História aí está. Não tem sido possível silênciá-la.

A excomunhão do patriarca de Constantinopla é um corte típico, como o foram as excomuniões abusivas de todos os Pre-reformadores e Reformadores da Igreja. O que se passou no século VIII parece ter sido um duplo cisma; ou não?

Por outro lado, é impossível honrar a Deus com uma unidade que sacrifique a pureza, como também se não honra, confessamo-lo corajosamente, com um prurido de pureza que sacrifica a unidade fundamental da Igreja.

Só há uma solução em face deste dilema, e é o nosso — ou nenhum; o que seria confessar a derrota do Cristianismo e o desmentido do Mestre, que declarou não terem poder sobre a Igreja os conselhos do inferno.

Ora nós falamos a mesma língua, parece; mas, dando valores diferentes às palavras, já não é a mesma a expressão do nosso pensamento. É assim que o dogmático consultor da "Voz do Pastor" diz que "reforma é desvio, separação", quebra de unidade, portanto. E isto não é verdade. "Reforma" é um reforçativo de "forma" e entende-se por "forma" a primitiva. É, pois, um regresso possível, uma restauração no que é substancial e por isso restaurável. Reforma-se o que se "deformou".

Afinidades, temo-las com a Igreja Latina como com a Oriental, e os movimentos recentes, de doutrina cristã trinitária, ainda que individualistas ou sectários. Mas não as queremos com o quer que seja que negue de qualquer modo a eficácia total da Obra Redentora de Cristo na Cruz. Todos sabem que a venalidade e a simonia da venda das indulgências foram o rastilho da Reforma na Suíça, na França e na Alemanha. Os bispos ingleses, aceitando as bases da Reforma, sustaram de algum modo o que ia transformando as reformas em revolução.

E nós, Igreja **Lusitana**, ou **proto-portuguesa**, restaurada, acompanhamos o movimento que limpa de rancores a controversia e equilibra as forças espirituais pelo respeito das tradições da Igreja Indivisa, e no consenso da Patrística primitiva, sujeitas todas ao sagrado texto da Revelação.

Temos, pois, a religião dos nossos antepassados, expurgada das sucessivas adições contrárias ao espírito e à letra do Evangelho, tal como o proprietário actual dum quadro de mestre que o conserva depois de o sujeitar aos modernos métodos de exame radiográfico e à reposição no seu valor primitivo.

Agora, agradeçamos ao Senhor Visconde a oportunidade que nos dá de tratarmos dum melindroso assunto: o do nosso episcopado. O venerando Conselho de Bispos Irlandeses que exerce o seu patrocínio na Igreja Lusitana tem o seu **munus** episcopal sem qualquer mando eclesiástico fora dele. Quem estas linhas escreve é presbítero em ordens sacras, conferidas pelo Lorde arcebispo Primaz de toda a Irlanda; e, como todos os seus colegas portugueses, no momento da ordenação, declarou não reconhecer no Bispo de Roma nem em qualquer outro bispo estrangeiro, portanto no próprio arcebispo conferidor, autoridade sobre a sua Igreja.

É precária a situação, que dura há três quartos de século? É. Entretanto oramos, oramos sempre, aguardando que um dos ilustres antistes portugueses se reforme na doutrina e nos hábitos dela derivados, e adira à Igreja Lusitana.

Pela lógica eclesiástica esse bispo, esse arcebispo, assumiria a direcção espiritual da nossa Igreja...

Qualquer protestante radical não compreende esta posição, e assim nega praticamente a Omnipotência de Deus, que pode fazer das próprias pedras filhos de Abraão, e dum bispo romano um bispo reformado.

Em nosso humilde juízo a Igreja Lusitana deveria promover uma campanha de oração intensa, com jejum e agonia, até que surgisse entre os seus presbíteros um que merecesse ao consenso da Igreja a sagração episcopal, ou até que um bispo romano, desde o titular "Primoz das Espanhas" ou o eminente Patriarca de Lisboa, a um dos bispos **in-partibus**, jêrarcas honoríficos, regressasse à Igreja Lusitana restaurada.

Negariam esses suas honras? Trocariam o

trono pela cruz? Diz o Divino Mestre: "Se alguém quer vir após mim negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me"!

Saiba o Sr. Visconde que S. G. o Arcebispo de Armagh, Dr. J. Gregg, que estudou os idiomas da Península, tem usado a língua portuguesa nos santos ritos da confirmação e da ordenação. Impedido por sua idade, esse querido Pai espiritual que todos amamos, ultimamente foram esses ritos administrados pelo Rev.^{mo} Bispo de Minesota. Não dominando a língua portuguesa, seguiu-se o preceito de S. Paulo em 1.^a Ep. aos Coríntios: "Se fala língua estranha, haja quem interprete". Nega ou censura o sr. visconde o ensino do Grande Apóstolo? E que me diz dos interpretes que vão a Fátima tornar possível o recheio de dolares nas caixas das esmolos? "Dois pesos e duas medidas"!

Escapou ao estilo castigado do fidalgo um termo de calão: "impingem"... Deus nos ajude a evitar um deslize igual. Não custa nada usar, não diremos urbanidade, mas caridade, vamos.

É bem sabido que a língua latina é mãe da nossa, e nós a usamos nas referências litúrgicas de longos séculos consagradas, etc. (etc. também é latim...) Mas porque não havemos de dizer que o inglês contém quarenta por cento de termos de origem latina no seu léxico e é quase língua irmã? Afinal, irmãos somos; e não imitaremos esses irmãos que se matam por questões de partilhas. Não é o Evangelho tesouro abundante, e não disse S. Paulo que cada um abundasse em seu sentido?

Foi precisa muita ousadia para o controversista vir notar discrepância entre "católico" e "lusitano"! E então não existe ela entre "católicos" e "romanos"?! A nossa Igreja é **católica** porque é parte da Cristandade universal, e **lusitana** porque se constituiu peculiarmente portuguesa, na língua litúrgica, na submissão às autoridades da nação. E quanto a nós o bispo de Roma é o primaz da Igreja de Itália, não-reformada.

A história da sucessão de S. Pedro... ai! que fatigante história! Tudo está dito e redito... Leia o consultor e o seu consulete tantos dos Padres da Igreja, que a negam. E a "sucessão apostólica" em monopólio romano... outra história, também discutida e que merece atenção.

Gloria in excelsis Deo

Leopoldo de Figueiredo

Majestoso

Gloria a Deus nas alturas e na terra Paz, Bo-a von-

Vivo

-tar de pa-ra com os ho-mens Nós Te lou-va-mos, Te bendi-ze-mos,

Te a-da-ra-mos, Te glo-ri-fi-ca-mos e te damos gra-ças pela tu-a grande glória.

Menos

Senhor Deus, Rei do Céu, Deus Pai om-ni-po-tente. Oh Se-

Lento

-nhos U-ni-gé-ni-to Fi-lho de Deus. Je-sus Cris-to! Oh. Se-nhor

Deus, Cor-dei-ro de Deus, Fi-lho do Pai.

Em ar de Preco

Tu, que tiras as pecadas do mundo, tem compaixão de nós, tem misericórdia de nós, recebe a nossa preceção.

Em tom afirmativo

Tu, que estás sentado à mão direita do Pai, tem compaixão de

Vivo - Brilhante

nós, Porque só tu és Santo, só tu és o Senhor, só

tu, Oh Jesus. Cristo com o Santo Espírito, És o Al-

-tu-si-mo na gló-ria de Deus Pai! A - - men

DIÁLOGO SOBRE A PENA DE MORTE

DO nosso ilustre amigo Sr. engenheiro Colin E. Sanders acabamos de receber uma carta em que nos diz:

"Tive mais uma vez o prazer de receber um número da "Ecclesia"—N.º 31—e gostei como sempre de o ler.

"Tomo a liberdade agora de apresentar uns pensamentos sobre o artigo "Pena de Morte". O digníssimo articulista cita as Santas Escrituras como a base da sua argumentação, mas creio que a aplicação da escritura citada não vem a propósito aqui. Parece que o autor não distinguuiu entre as relações que existem entre homem e homem, especialmente quando forem irmãos em Cristo, e as que existem entre as autoridades e o cidadão. A Bíblia sempre distingue entre estas duas relações. Romanos 13:4 mostra que o Apóstolo Paulo reconheceu bem esta segunda relação e que as autoridades têm poderes e direitos no trabalho de governar, que os irmãos, e homens, não têm entre si. O que poderíamos entender das palavras "não é de balde que ele traz a espada", senão que ele, a autoridade, tem direito de castigar, até com a morte, quando for preciso.

"O problema da "Pena de Morte" é muito complicado e eu não pretendo discuti-lo sob outros aspectos—simplesmente creio que não se pode condená-lo pelas Santas Escrituras.

"Fico com elevada estima e amor cristão... etc."

Estamos muito gratos ao sr. eng. Sanders pela sincera e inteligente exposição que fez do seu ponto de vista, que não é, como se infere das suas palavras, uma defesa, nem uma condenação da pena de morte, como problema jurídico, mas a impugnação dum dos argumentos de "Antropófilo" no artigo inserto no nosso número anterior: que pelas Escrituras Sagradas se não pode defender a pena de morte.

Antropófilo repetirá o seguinte preceito paulino "não vos vingueis a vós mesmos..." O sr. eng. Sanders retorquirá que isso se refere aos crentes, ou quando muito aos homens entre si, e não às autoridades.

Antropófilo, em à parte: E quando as autoridades e os delinquentes forem crentes, o que muito bem pode acontecer? Terão uma moral pública e outra particular? Não se daria aqui o caso dos "dois pesos"?

Talvez o sr. eng. Sanders impugnará a réplica, mantendo o axioma das duas éticas, uma pessoal e outra estadual. Isto é, que então o Estado pode matar mas proíbe o indivíduo de o fazer; o Estado pode extorquir, mas nega esse direito ao cidadão; etc...

Mas "Antropófilo", renitente, dirá que o Divino Mestre exortou os herodianos (partidários incondicionais do poder estabelecido, mesmo contra direito, como o de Herodes): "Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus". E isto quererá dizer que Cesar pode exigir do cidadão o que lhe deu; não a vida, pois não lha deu.

Dirá o sr. engenheiro que isso se refere aos tributos, como se vê do texto. Mas lá vem Antropófilo a afirmar que há, ao lado do tributo de dinheiro, o de trabalho (direito rural usado no nosso país), e o de sangue, que é oportunidade de arriscar a vida em defesa da grei, na chamada "guerra justa". As palavras do Senhor, seja como se quiser, vão muito além dessa coisa ínfima que é o "vil metal".

Mas "Antropófilo" supôs ter apresentado, como argumento principal, além da Letra Sagrada, o espírito que nela está, "o espírito que vivifica".

Jesus Cristo envia-nos a proclamar as Boas Novas; São Paulo dá-nos o exemplo do amor das almas ("ai de mim se não pregar o Evangelho!"); São João define a salvação como perdão perfeito, de todo o pecado, acompanhado da purificação. E vêm então o coração e a mente, ungidos pela Graça Salutar, concluir que, se a autoridade usa a espada, não só para impor justiça mas também para cortar cabeças, como os senhores medievais "de pendão e caldeira, barão e cutelo", impede pelo seu acto a possibilidade de arrependimento do errado. Ora a base da evangelização e o apelo ao arrependimento...

"Castigar", etimologicamente, é tornar casto, puro; e não parece que matando se torne alguém puro ou casto.

Quando Calígula desejava que todos os cidadãos de Roma tivessem uma só cabeça, para a poder decepar, era maluco: mas era autoridade, com espada, a espada referida por S. Paulo. Simplesmente quis abusar dela, e abusou formidavelmente, ainda que não tanto quanto quis, porque outros o mataram.

Surge aqui outro problema, se o homem tem o poder divino de contrariar a vontade de Deus, ou se o pecado do homem no assassinio é a intenção e não a consequência. Mas isto em muito transcende o diálogo que se travou agora e talvez interessará os nossos leitores.

LUSOGRAMAS



— No nosso número anterior saiu, por lapso de redacção e não do pobre tipógrafo das "costas largas", no artigo "Pena de Morte", um "gerontocida" (que seria o reu da eliminação dos velhos, como já se tem advogado) quando se queria escrever "genocida", isto é, o político responsável pela morte de populações em massa. São ambos termos modernos, porque só agora se defendem ou se praticam, com **técnica** bastante cínica.

— Um ilustre deputado julgou necessário defender a Concordata com a Santa Sé, porque há quem a acuse de ter provocado e estar provocando muitas ligações ilegais, ao tornar indissolúvel por lei civil o matrimónio religioso.

— Foram 62 os leprosos tratados durante o ano passado pela Comissão Portuguesa Pro-Leprosos, além de mais 4 internados no Hospital-Colónia "Rovisco Pais". A evangelização acompanhou este movimento assistencial, que merece todo o aplauso dos cristãos.

— A China comunista expulsou há meses os últimos missionários estrangeiros que ainda ali estavam em liberdade: PP. Hermann Brun e Ernest Manhart, da Sociedade Suíça de Missões, de Betlem, com sede em Immersee. Dirigiam uma paróquia nos arredores de Pequim. Eram de obediência romana. Nem por isso deixamos de lamentar o facto e de elogiar a heroicidade.

— Deixai-nos comparar, sem malícia, à "glossolália" pentecostal, certas manifestações de arte moderna (quando sinceras). Num caso como no outro é necessário fazermos um esforço de anormal adaptação

que nos alucina, para então falarmos ou cantarmos sem entender, ou supormos entender, ou produzirmos ou expressarmos, sem a "entrega total" das nossas faculdades em equilíbrio.

— Há tempos na Jutlândia uma ponta de cigarro caiu num balão; 500 balões arderam e cinquenta crianças foram espinhadas... Tudo por uma ponta de cigarro. Quantos incêndios, quantas tragédias, na ponta de um cigarro!

— Um dos lados fracos do cinema é a deturpação "técnica" da verdade histórica, ou de aquilo que se tem por verdade e que só a investigação proba pode alterar ou desmentir. É a arte contra a erudição. É, de certo modo, o método da Igreja Medieval a respeito da "lenda", tornada verdade subjectiva pela antiguidade que a vai ornando mas que afinal não a deve impor.



(Conclusão da pág. 5)

Ihe devolvemos a classificação dada ao Cristianismo-evangelico, pois estamos ouvindo a voz de Cristo-Vivo e Filho-de-Deus: — **Amai os vossos inimigos, como confiamos na sua promessa: — Bemaventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por minha causa.**

Quanto à radiodifusão e cinema, é de lamentar que por enquanto — isto não é ameaça comunista, é esperançosa fé — sejam trincheiras de intolerância, mas, como diz a confiança do povo sofredor: — Dias melhores, virão.

Rev. A. Pereira Araújo

Morreu o Comandante Pina Cabral!

O mundo perde irremediavelmente um Homem — onde os homens escasseiam.

A Pátria perde um cidadão sem interesses mesquinhos nem paixões aviltantes.

A Armada Portuguesa perde um elemento que tanto a honrou por suas qualidades de disciplina, de prontidão e clareza de vida total.

Os amigos (e quem isto escreve vibra de irresistível comoção ao senti-lo) perdem um dos seus melhores companheiros, da espécie de aqueles que nunca se podem substituir.

Modelo de virtudes viris, de dotes sociais e de afectos terníssimos; alma religiosa, carácter recto e leal, energia combativa e construtora, partiu... para não voltar.

Este é sempre o aspecto fatal disso a que chamamos **morte**.

Mas a Igreja não perdeu Daniel Pereira de Pina Cabral. A Igreja abrange todos os que militam aqui e os que já triunfaram lá, por Cristo, o Salvador. E este Amigo e Irmão querido, por cuja saudade o nosso rosto se ensombra e os nossos olhos se humedecem, foi promovido a posto mais alto, bem mais alto, no Seio de Deus.

Que exemplo!

Eu, que o acompanhei passo a passo, no regresso à Fé da sua infância distante, onde reinara o prestígio dum santo — Diogo Cassels —, supliquei agonicamente a Deus, mais vida para quem queria testemunhar de Ele com a impetuosa franqueza que lhe era peculiar. E aquele que parecia clinicamente perdido teve mais sete anos de preciosa actividade, deixando-nos um sentido maior na responsabilidade de cada um, na Obra da Igreja de Cristo em Portugal.

A Esposa querida ajoelhou a seu lado, na adoração e foi estremosa companheira até ao fim; os filhos admiraram as virtudes domésticas do chefe cristão e amoroso.

E cá fora todos o tivemos como um expoente do poder do Espírito de Deus.

Nada de intolerâncias malévolas e nada de quebra de convicções, por conveniências de suposta cofesia.

Que modelo!

Adeus; até breve.

O Director da "Ecclesia".

Aqui, contentemo-nos em afirmar que muitos teólogos romanos, até ao século XIX, reconheceram a validade das ordens anglicanas. Conveio depois à política do Vaticano negá-la; mas conveio a Leão XIII oferecer ao clero inglês, mediante a aceitação do seu primado universal, o reconhecimento das ordens referidas e o direito à celebração da missa em inglês, como aos uniatas do Oriente por concessão semelhante; e até o consentimento do matrimónio do clero.

Tudo política!

Quem disse ao Visconde que a Igreja Anglicana não reconhece a nossa pequenina Igreja? Evidentemente, ela lhe aparece acéfala, por falta dum bispo nacional; mas quanto às ordens sacras, não pode deixar de reconhecê-las. Pois se foram conferidas por bispos dessa grande Comunhão!

Se já tivéssemos bispos e estivessemos no século XVI, então aqui se procederia como se procedeu com os bispos tomistas do Malabar. E uns seriam mártires da Fé e outros tergivesariam, como talvez sucedeu com o torturado Mar Josefo, que para evitar o martírio ou tortura, enganou os bispos ocidentais e o próprio papa; mas de regresso à Índia a sua igreja o rejeitou. Astúcia e crueldade, é a história de todos os tempos.

Haveria mais uma página negra, a juntar a tantas, da História da Igreja. Da igreja, em qualquer dos seus ramos ou escolas, confessemos-lo com humildade.

Tudo na lógica romana se resume na unidade sob a tiara. As Igrejas nacionais submetem-se? São aceitáveis. Não reconhecem o primado de Roma? Então, Cristo não as instituiu. E tudo se afina pelo mesmo diapasão.

De facto, Jesus lançou o germe da Sua Igreja nos corações. O Espírito Santo, no Pentecostes, deu-lhe a substância da germinação. Os Apóstolos e seus legados criaram as Igrejas étnicas, como na Galácia, que S. Paulo visa numa só epístola sendo um conjunto de Igrejas locais. E a linguagem usada para com as Igrejas autocéfalas do Oriente é bem diversa da do sr. Visconde.

Enfim, meu caro senhor, o Evangelho é a boa nova da Salvação que, a despeito do errado individualismo e de vários erros confessionais, tem trazido a alegria e a paz a milhões de corações a que a tiara pontifícia não oprime.

SÍNTESE

MATEUS PARKER E A SUCESSÃO APOSTÓLICA

A sucessão episcopal irlandesa através do arcebispo Hugo Curwen apresenta-se, na história eclesiástica das Ilhas Britânicas, independente da linha inglesa mantida através do arcebispo Mateus Parker. Por sua vez, a linha de ordenação presbiterial da Igreja Lusitana apresenta-se mixta, ainda que predomina a linha de Curwen, a par da linha romana de três presbíteros que nela ingressaram já ordenados.

Da linha Parker será o presbítero Cândido de Sousa, ordenado pelo bispo do Vale do México, procedente de ordenação norte-americana, talvez parkeriana.

Entretanto supomos interessante este estudo, que anteriormente publicamos na "Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", de menos fácil manejo que esta revista:

PARKER (Mateus), Arcebispo de Cantuária, por escolha da rainha Isabel I da Inglaterra, eleito pelo capítulo arquiépiscopal e consagrado em Lambeth no domingo 17-XII-1559, pelos mesmos bispos que haviam confirmado a eleição, N. em Norwich a 6-VIII-1504, Estudou em Corpus Chisti, Cambridge, onde mais tarde foi professor. Em 1535 foi capelão de Ana Bolena e em 1545 vice-chanceler. Foi autor de **De Antiquitate Britanniae Ecclesiae**, impressa em 1572, edição rara, de que se conhecem 22 exemplares. É de suma importância a história da sua elevação ao episcopado para as relações dos três ramos da catolicidade canónica, o oriental, o latino e o anglicano, porque sucede ser este último a comunidade cristã reformada que mais expressamente reconhece a canonicidade da confissão romana, a despeito de não reconhecer a supremacia papal e de discutir livremente seus recentes dogmas, mas coerentemente reclama o reconhecimento da genuinidade apostólica da sua ordem. Os teólogos católicos romanos, baseados numa narrativa do jesuíta Sacro Bosco, publicada quarenta e cinco anos depois mas considerada fábula até por autores romanos, segundo João Eadie, têm impugnado a validade das ordens do arcebispo Parker, até que Leão XIII, pela bula *Apostolicae Curae*, de 1898, definitivamente as declarou nulas. É de notar que essa anulação colhe o anglicanismo no seu próprio campo, nivelando-o com as seitas nascidas do radicalismo da Reforma. De facto, se se provar que as ordens de Parker são inválidas, fica, *ipso facto*, invalidado, segundo

o conceito católico, aceito pelos anglicanos, toda a sucessão do Episcopado na Grã-Bretanha e na Irlanda, assim como os núcleos da sua expansão missionária, com todas as consequências canónicas que este facto implica. São três as objecções que se fazem a tal validade: 1.º, quanto à sagração em si mesma; 2.º, quanto a não se provar a anterior sagração de Barlow, o primeiro dos consagradores de Parker; 3.º, quanto à própria forma da consagração, realizada com certas modificações litúrgicas e sem sermão, sem sacramento eucarístico e sem solenidade, segundo o testemunho de um certo Neale. À primeira objecção respondem os visados que, se de facto, naqueles dias perturbados, três dos bispos comissionados pela rainha se recusaram a tomar parte na consagração, como pouco antes haviam recusado aceitar a supremacia real, e foram depostos em consequência da atitude assumida, pelo que a rainha nomeou segunda comissão com três dos bispos anteriormente nomeados, um dos quais parece ter adoecido, e mais dois outros. Esta nova comissão, composta de Barlow, bispo de Chichester; Scory, de Hereford; Coverdale, de Exeter, e Hodgskins, de Bedford, realizou o acto e o sancionou com suficiente número. O instrumento autenticador encontra-se nas obras do arcebispo Bramhall, p. 1051 e seg. Realizou-se perante quatro dos mais eminentes notários britânicos e o principal actuário foi-o também na consagração do cardeal Pope. A isto se deve acrescentar, entre outros documentos, o mandato a Barlow para a entronização de Parker e o acto da investidura datado de 21-III-1560, e é inverosímil a admissão de que estes documentos hajam sido forjados. À segunda objecção responde-se que, se é certo que no registo particular das ordenações efectuadas pelo arcebispo Cranmer não se encontra a de Barlow, e se é certo que na colecção de relatórios de Rimer se encontra um mandato da rainha Isabel a Parker para confirmar e consagrar Barlow como bispo de Chichester, e se ele foi consagrado por Parker, se diz que não podia ter sido antes o consagrador de quem o consagrou, responde-se que Barlow fora prior dos cônegos regulares de Santo Agostinho, de Bisham, tendo sido eleito bispo pelo deão e capítulo de Santo Asafe em Janeiro de 1536 e confirmado um mês depois por Tomás de Cantuária, como se encontra em Wharton (*in Anglica Sacra*). Ora como pelas leis de Henrique VIII, a cerimónia da consagração devia seguir-se à confirmação da eleição no prazo de vinte dias, sob severa pena; e também porque no Parlamento, reunido em Abril seguinte, se faz menção de Barlow como bispo, conclui-se que a consagração como bispo de Chichester significava a sua instalação; e o silêncio do registo de Cranmer não é prova decisiva, tanto mais, como nota Francis Mason, muitos outros

af foram omitidos, cujas consagrações não oferecem dúvida a ninguém, tais como Gardiner, bispo que se conservou fiel a Roma, Fox, King, Sampson, Bell, Day, Latimer, etc. Ainda se acrescenta que acerca do cardeal Pope, reconhecido pelo papa como primaz de toda a Inglaterra, não se encontra prova alguma da validade da sua ordenação, segundo a teoria romanista, o que mostra que tais omissões não são segura prova da ausência de validade. Outra prova, entre várias mais, é o registo de Cranmer da consagração de Bulkeley como bispo de Bangor, em 1541, isto é, dezoito anos antes, em que se aponta Barlow como um dos bispos sagrantes. À terceira objecção, baseada na adição no *ordinal* de Eduardo VI, de certas palavras que não ocorrem no romano, responde-se que, pelo ensino das Escrituras Sagradas, se sabe que a imposição de mãos, oração e jejum são os requisitos necessários e não as fórmulas que através das eras e dos lugares sofrem modificação: que diferenças há nas ordenações da Igreja Grega, e a de Roma as reconhece como válidas, apesar do cisma de que ambas se acusam; e que Afonso de Ligório, reconhecida autoridade romana, afirma que a imposição de mãos é a matéria essencial e as palavras "recebe o Espírito Santo" a fórmula necessária.

A corroborar isto, o padre oratoriano Morinus, cit. por Bailey (*English Orders, 1868*) dá o nome de muitos teólogos romanos que confirmam Ligório e invoca o próprio concílio de Trento, no cap. III, *de ordine*, e cap. IV, *de sacra ordine*, de onde se infere que as palavras «recebe o Espírito Santo» são a fórmula necessária pela qual se confere a sagrada ordenação. Ainda o mesmo clássico liturgista demonstra que nas constituições apostólicas no IV Concílio de Cartago nada mais foi usado que a imposição de mãos e oração, e só lentamente se foram juntando novos ritos, como em França, no séc. VI, a unção e bênção das mãos do presbítero, embora a Igreja Irlandesa nunca adoptasse a unção, nem a Romana por muito tempo, pois o papa Nicolau I, em 860, diz claramente que nunca ela a usara. Chegou-se por fim a discutir se a fórmula usada «toma» em vez de «recebe», era canónica. Acrescenta o dr. Pusey, no seu *Eirenicon*, que a fórmula usada na consagração de Parker foi cuidadosamente decalcada na velha fórmula do arcebispo Chichele, de um século antes. O certo é que eminentes escritores romano-católicos, antes da decisão de Leão XIII, reconheceram a validade das ordens anglicanas, entre eles o franciscano Walsh em 1664, Davenport, ou «Padre Santa Clara», que apoiou Walsh firmando-se em Vasquez, Conink, Arcudius e Inocência IV, e o padre Le Quien, que menciona o caso do clérigo anglicano de nome Goffe ter passado para a Ordem do Oratório em

Paris, e ao levantar-se a dúvida se deveria ser ordenado de novo, a Sorbona ter dado parecer em contrário. Bossuet, em carta escrita em 1685 a Massillon, decide-se pela validade das ordens anglicanas, e manteve esta opinião através dos anos; e quando, no tempo do arcebispo Wake, se propôs a união das Igrejas Galicana e Inglesa, Du Pin e outros doutores sobornistas foram plenamente do parecer de serem reconhecidas as ordens desta última; e até, a crer no testemunho de um deles, o abade Girardin, os bispos de Blois, de Troyes e outros, se declararam da mesma opinião.

FLORILÉGIO DA ORAÇÃO

Orações gravadas em pedra

"Um outro éco da fé dos primeiros cristãos foi conservado pela pedra. Inscricções de casas, de baptistérios, ou de igrejas, epitáfios sobretudo, que guardam a memória dos irmãos ou dos mártires, as riquezas da epigrafia, trazem-nos a expressão mais espontânea, mais pessoal, menos fria, da oração antiga. **As inscrições... não pertencem à literatura, mas à vida**".

EPITÁFIOS

*Deus santo dos anjos, tu és a ressurreição.
Deus santo dos profetas, tu és a redenção.
Deus santo dos apóstolos, tu és o perdão.*

*Atticus,
repouse em paz.
D'ora avante estás certo
de ser invulnerável.
Na tua solicitude,
intercede pelos nossos pecados.*

*Magus, filho sem malícia,
Tu estás no meio dos inocentinhos.
Ao abrigo de riscos, tua vida é feliz.
A Igreja, maternal e alegre,
Acolheu-te, à tua partida.
Ô meu coração, cessa de gemer,
Ô meus olhos, cessai de chorar.*

(Do livro PRIERES DES PREMIERES CHRETIENS,
par A. HAMMAN, Selecção e tradução de D. P. C.).